ISSN 2176-9060

CARACTERIZAÇÕES CULTURAIS DOS AXÓS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Ariane Ingrid da Silva Botelho
Graduanda em História da UNICAP
E-mail: ariane_ingrid@hotmail.com

Zuleica Dantas Pereira Campos
Professora do curso de História da UNICAP
E-mail: zuleicape@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender as representações culturais das vestimentas litúrgicas do povo de santo na Região Metropolitana do Recife (RMR). Busca-se especificamente, caracterizar as diferentes caracterizações dos axós dos afrorreliosos dos Terreiros do Sítio do Pai Adão, de tradição Nagô e do Ilê Meguê, de tradição Xambá, para as liturgias da mesma matriz afrorreligiosa. O estudo utilizou-se de livros e textos científicos com abordagens sobre a temática para as religiões afro-brasileiras e de metodologia científica. Também foram realizadas pesquisas de campo nas casas religiosas e utilização de registos fotográficos. Assim, os parâmetros são desenvolvidos seja de acordo com as recomendações "do orixá" e "da casa", seja do mais modesto ao mais luxuoso, bem como a utilização dos mais variados tecidos e detalhamentos dos axós, para as festas ou toques em homenagem a um ou mais orixá.
PALAVRAS-CHAVE: VESTIMENTAS, XAMBÁ, RECIFE.

INTRODUÇÃO

Em obra acadêmica pioneira sobre estética e moda no Brasil, Gilda de Mello e Souza afirmou que

> A vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de ideias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador" (1987, p. 125).

Ainda que atualmente a enorme facilidade de comunicação torne possível um contato amplo entre as pessoas, fazendo com que as fronteiras sociais expressas por meio das vestimentas sejam mais tênues e fluidas, a vestimenta segue firme em seu posto de linguagem simbólica.

O traje também cria e fortalece os laços do grupo social e o ajuda a estabelecer relações com o todo em que se encontra inserido. Nas diversas religiões, a vestimenta é uma linguagem simbólica importante para todo o

ISSN 2176-9060

grupo religioso. Ainda que em muitas delas a participação não demande um traje especial para todos os membros, há sempre um cuidado com o vestir para a participação nos ritos.

Um exemplo dos mais ilustrativos nesse sentido é o dos evangélicos tradicionais do país inteiro; entre esses a saia abaixo dos joelhos e as roupas pouco decotadas para as mulheres, e o terno e gravata para os homens acabaram se constituindo um traço distintivo da pertença onde quer que estejam. Essa identidade evangélica sinalizada pelo modo de vestir se mostra de modo muito marcante nas periferias em que o contraste com os trajes simples dos outros moradores é forte e também porque é aí que essas igrejas têm maior presença. Os evangélicos tradicionais indo para o culto estão sempre "bem vestidos" e isso também expressaria a mudança de vida que a conversão significou para essas pessoas, que muitas vezes são pobres e se sacrificam para terem essas poucas roupas vistosas.

Vigora também a ideia de que é preciso estar bonito para louvar a Deus, algo que em parte se perdeu no catolicismo. Hoje ainda aparece quando se diz de alguém que esteja bem vestido que está com a "roupa de domingo", uma referência ao fato de antigamente as pessoas vestiam suas melhores roupas para a missa de domingo, que além de acontecimentos religioso era social, oportunidade de ver e ser visto por todos.

No interior das religiões, os sacerdotes costumam ser distinguidos por seu traje, que pode, inclusive, expressar posições hierárquicas no corpo sacerdotal, como é o caso do catolicismo em que determinados paramentos são de uso exclusivo de bispos, outros de cardeais, e assim por diante.

No candomblé todos os membros são sacerdotes em alguma medida. Embora cada um precise ser iniciado por outra pessoa, uma vez tendo passado por esse ritual o fiel se encarregará de cultuar seu orixá específico, assentado em seu altar particular. Embora haja ocasiões em que rituais são oficiados por outros membros do culto, cada filho é o principal sacerdote de seu orixá. Ademais a própria experiência do transe é um "contato não intermediado com o sagrado" (GOLDMAN, 1987, p. 88).

ISSN 2176-9060

Nessa religião, participação demanda, sim, um traje específico, tanto para a vivência religiosa cotidiana no terreiro quanto para o ritual público, que é a festa. Essa é, aliás, a ocasião em que a linguagem simbólica da vestimenta se manifesta plenamente.

As roupas e acessórios do povo de santo compõem um código complexo e rico, que bebe em fontes de inspiração diversas e em que formas e cores concorrem para uma beleza exuberante e particular. Nessa religião em que o rito é o mais importante e a religiosidade é vivida e expressada com muita ênfase pela exterioridade, de tal modo que por vezes a forma acaba embotando o conteúdo (cf. PRANDI, 2005, p. 151).

Todo o vestuário do candomblé tem como referências essenciais a África, de um modo bastante abrangente porque sabe-se que os escravos trazidos para o Brasil vieram de diversos lugares do continente africano; o período da escravidão, dadas as condições em que a religião dos orixás se formou ainda sob o regime escravista, e a moda feminina europeia do século XVIII que era divulgada no Brasil por meio de revistas e mesmo das pessoas que vinham de suas estadias no velho continente. Essa era uma época em que quase tudo de que se precisava vinha da Europa e junto um modo de vida e de vestir também, que por sinal, era muito pouco adaptado ao clima dos trópicos, feito preponderantemente de tecidos grossos e quentes tudo muito requintado e torturante para as mulheres e homens elegantes da época.

A moda nos terreiros afro-brasileiros tem um limite bem delimitado, mudanças podem ser introduzidas no que concerne aos detalhes, aos materiais utilizados mas muito raramente mudanças estruturais. Em se tratando da forma, não se pode inovar tanto. Até mesmo porque essa é uma religião que logrou se reproduzir mantendo-se fiel às suas origens; seus trajes não se modificaram no que diz respeito à forma porque isso seria incorrer no risco de descaracterização.

De todo modo, elementos se combinam e se sobrepõem, e inovações periféricas são sempre buscadas. O que implica dizer que a religião afro-

ISSN 2176-9060

brasileira como tal não existe, nem nunca existiu na África, mas surgiu no Brasil sob condições históricas específicas que fizeram dela uma religião única.

No caso aqui analisado pretendemos verificar se esses trajes se diferenciam de forma significativa entre os usados na Região Metropolitana do Recife. Como se estabelece essa relação de bastidores? Uma vez que nem sempre os costureiros são devotos, como se estabelece a relação com o sagrado?

CAMINHOS PERCORRIDOS: O MÉTODO

O campo de pesquisa foi construído a partir do modelo de Boissivoin (1987) conhecido como "apresentando a amigos de amigos: rede sociais, manipuladores e coalizões". O autor defende que as relações interpessoais são estruturadas e influenciadas no modo através do qual indivíduos - vistos como empreendedores sociais - procuram manipulá-las para atingir metas e resolver problemas e na organização e dinamismo das coalizões que constroem para atingir seus fins. Esta forma básica de comportamento - a rede social de amigos, parentes, colegas de trabalho, as visitas, as fofoca, vizinhança etc. - são processos de situações com as quais todos nós nos envolvemos e que constituem o material básico da vida social (BOISSEVAIN, 1987, p. 197-98).

A pesquisa possui embasamento teórico-metodológico nas conversões culturais contemplados, inicialmente, em Marilena Chaui e Nestor García Canclini, com representação e consumos culturais, respectivamente. Nesse sentido, a representação "refere-se também à presentificação mental do que está ausente, uma presença-em-imagem ou uma representificação, [pressupondo também] a existência prévia de algo que será reposto em imagem ou ideia por uma atividade do sujeita, seja este a imaginação, o intelecto ou a atuação teatral." (CHAUI, 2007, p.288).

ISSN 2176-9060

A reconversão cultural é um dos sentidos da hibridação. Para Garcia Canclini, a hibridação configura-se como a interconexão das culturas e pode acontecer de forma não planejada ou intencional. Assim, os atores sociais transfiguram seus patrimônios material e imaterial, para (re)inseri-los em novas condições de produção simbólica ou mercadológica. Não se trata de "uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existem de forma separada [mas], ao combinar-se, geram novas estruturas e novas práticas", econômicas, sociais, culturais (CACLINI, 1996, p.3).

De acordo com García Clanclini, o consumo é o "conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos". Essa apropriação pelo e para o povo de santo, vai além da satisfação pessoal (vaidade). É uma imbricação coletiva, uma espécie de disputa interpessoal "espetacularizada". Ainda para o antropólogo, o consumo não deve ser contextualizado "como mera possessão individual de objetos isolados mas como a apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens". (CANCLINI, 2001, p. 66).

Trabalhamos com a noção de sociedade do espetáculo desenvolvida por Debord (1997) em que o autor afirma que "o espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas em que os homens haviam colocado suas potencialidades, desligadas deles: ela apenas os ligou a uma base terrestre" (DEBORD, 1997, p.19).

Também foi levado em consideração o conceito de identidade étnica de Sansone em que o autor afirma que:

> A identidade étnica se constrói em relação a outras identidades sociais, e é sempre dada e conquistada, no sentido em que a visão das pessoas de fora co-determina as maneiras pelas quais um grupo étnico se (re)descobre.[...]Pode haver momentos na vida em que indivíduos ou grupos são infiéis a um ou mais componentes de sua identidade social. Essa combinação de (in)fidelidades múltiplas contribui para o ecletismo da identidade étnica, mas

ISSN 2176-9060

> frequentemente passa despercebida nas representações oficiais da negritude o do ser branco (SANSONE, 2003, p.21-22).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Da pesquisa de campo aos terreiros

Para se apropriar ainda mais sobre a representação dos axós, foram realizadas pesquisas de campo por ocasião dos festejos de Yemanjá (28 de novembro de 2015), no Terreiro Ilê Obá Ogunté (Sítio de Pai Adão), bairro de Água Fria, Recife e no Terreiro Ilê Oyá Menguê, mais conhecido por Xambá, para o Toque de Ogum e Odé, no dia 24 de abril deste ano.

Os pais, mães, filhos e filhas de santo saem aos centros das grandes urbes para mostrar e reivindicar liberdade religiosa, a exemplo da Caminhada de Terreiro de Pernambuco. Nesse sentido, além das músicas e danças de cada entidade, também ficam mais evidentes as características marcantes dos rituais e indumentárias litúrgicas da comunidade de terreiro. Seja nos terreiros ou em vias públicas a indumentária é fundamental para e nos rituais de axé. Nesse sentido, "as roupas são quase sempre novas, exigindo muitos materiais complementares em metais, palha-da-costa, búzios e contas, entre outros [para] a 'beleza que é festa' (LODY, 1987, p. 33, grifo do autor.). Nesse sentido,

> essa transformação e as oportunidades oferecidas pelo cenário urbano permitiram que as religiões afro-brasileiras se inserissem no mercado para atender às demandas de consumo dos fiéis. Com os avanços do mundo moderno, esse novo mercado também vem apresentando mudanças no que concerne às relações com a sociedade, o consumidor, o fornecimento e a revenda de bens. (CAMPOS, 2015, p. 224).

No dia 28 de novembro de 2015 foi realizada pesquisa empírica a mais antiga casa afrorreligiosa de Pernambuco: o Terreiro Ilê Obá Ogunté, conhecido por Sítio de Pai Adão, localizado na Estrada Velha, 1644, no bairro de Água Fria, Recife - Pernambuco. A visita de campo foi para participar do primeiro dia da festa do santo dedicado à casa: o Orixá Iemanjá. O toque foi iniciado pelo Babolorixá Manuel Papai.

ISSN 2176-9060

Nela os praticantes vestiam-se conforme as características do orixá, obedecendo suas cores e *desejos*. O culto é feito por meio de toadas invocadas pelo pai de santo e respondida pelos demais fiéis. Todos giram em dois xirês (rodas), distribuída da seguinte maneira: as mulheres louvam no xirê de fora, enquanto os homens no xirê de dentro. Portanto, mais próximos do axé do salão no qual são realizados os rituais - assentamento (pedra) que representa a força do orixá do Terreiro. Curiosos e pesquisadores não participam do xirê. Ao babolorixá cabe os lugares de destaque, que pode ser próximo aos instrumentos de percussão (abê, atabaque, *ilú*, agogô) ou sobre a marcação da força da casa.

Imagem 1: axós e acessórios do Sítio do Pai Adão



Fonte: fotos de Alfredo Sotero

As indumentárias dos filhos de santo do Sítio trazem as cambraias, rendas, linhos com bordados em *rechilieu* como principais tecidos para os axós. É atribuído às mulheres saia, chocoto (calça feminina), casaco (blusa), torço (pano de cabeça) e guias (colares de contas). Os homens vestiam axós (calça branca e camisa na cor do orixá de cabeça), do orixá do Terreiro ou camisetas com a marca da Casa, barrete (chapéu) e guias

ISSN 2176-9060

(colares grandes) com miçangas, búzios e alguns com detalhes de palha da costa e um objeto que simbolize o seu orixá.

A vestimenta litúrgica de uma afrorreligiosa que "bolou no santo" (estado de transe) apresentava cores claras do orixá do Barracão: azul e branco; sem muitos adereços, luxo ou saias de armação, distinguia-se dos demais por levar a oferenda do santo (a Panela de Iemanjá). As mulheres - na grande maioria -, descalças; os homens usam sandálias de couro branco abertas ou fechadas e rasteiras.

No dia 24 de abril deste ano foi realizada pesquisa de campo no Terreiro Ilê Oyá Menguê, mais conhecido por Xambá, para o Toque de Ogum e Odé. A Casa está instalada há 65 anos na Rua Albino Neves de Andrade – Portão do Gelo – Olinda – Pernambuco, desde 7 de abril de 1951. O terreiro, além das suas festas tradicionais mensais, abriga o Ponto de Cultura Nação Xambá do qual está instalado o Memorial Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu). Essa Ialorixá foi escolhida para dá continuidade à tradição afrorreligiosa da nação, após 12 anos de invisibilidade, seja pelo fechamento do terreiro pela polícia em 1938 e pelo falecimento de Maria Oyá, em 1939, a responsável, na época, pelo Barracão. (MORIM, 2009).

Imagem 2: axós e acessórios do Terreiro de Xambá



Fonte: fotos de Alfredo Sotero

A festa começou cerca de 16h20mim - os responsáveis pelo Terreiro aguardavam a presença de pesquisadores nacionais e estrangeiros -, com a louvação do pai de santo Ivo de Xambá. As vestimentas religiosas são as mais simples com tecidos de popeline, tricoline, chitão, se comparadas a outras nações (religiões de matriz africana). Também foram percebidos

ISSN 2176-9060

axós, especialmente das filhas de santo com certo "luxo": *lamé*, cambraias de algodão ou sintética.

Assim, sem suntuosidade, são casacos (blusas) e saias (sem armação) com (ou sem) babados (palas) pequenos ou com bicos, passamanarias e/ou outros aviamentos, panos de cabeça; sem brincos ou muito discretos; camisas sem cola, calças, barretes brancos (chapéu); guias (colares longos), rosários (colares curtos) com medalhas ou símbolos do orixá do filho ou filha de santo. As sandálias são - na grande totalidade -, em couro simples e rasteiras, tanto para as mulheres como para os homens (na cor branca).

2. Da pesquisa de campo a Caminhada dos Terreiros de Pernambuco

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico e de documentos que contribuíram com a pesquisa. Em um segundo momento realizou-se pesquisas de campo do antes e durante o cortejo da 9ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, acontecida no dia 4 de novembro de 2015. Teve o propósito de identificar e caracterizar a as vestimentas dos fiéis na Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, de diferentes tradições (nações) religiosas, especialmente da Região Metropolitana do Recife (RMR).

De forma empírica, foram aplicados 91 questionários com os filhos e filhas de santo na 9ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, acontecida no dia 4 de novembro de 2015. O corte, com concentração no Marco Zero, bairro do Recife (Antigo), seguiu pela Av. Marquês de Olinda, Ponte Maurício de Nassau, Palácio Campo das Princesas, Rua do Sol, Av. Guararapes, Av. Dantas Barreto com término na Basílica de Nossa Senhora do Carmo.

Dos entrevistados, 49 homens e 42 mulheres, com idades de 17 a 65 anos. Perguntado quantos axós possuíam (quase a metade dos afrorreligiosos) no total de 39, disseram ter mais de 10 axós. Com relação se o axó foi confeccionado especialmente para a Caminhada, 56 fiéis

ISSN 2176-9060

responderam que Sim, 30 pessoas que Não e 5 adeptos informaram que as indumentárias foram customizadas. Sobre o questionamento quem definiu o modelo do vestuário, 58 pessoas informaram que foram elas próprias; 16 fiéis disseram que foram as pessoas que costuraram; 12 pessoas fizeram os axós de acordo com as características dos orixás e 5 pessoas informaram que suas vestes litúrgicas foram confeccionadas segundo as orientações dos seus pais de santo.

O evento remoto às senzalas, a todo o período de proibição da retórica negra, a restrição de marginalização e vadiagem, e traz como objetivo o desejo por respeito, a necessidade em praticar o seu sagrado sem as restrições de uma sociedade intolerante. Logo, é possível identificar a característica de pertencimento dos fiéis a uma nação, a um povo, a uma África mítica, a uma casa, a uma família e aos graus de parentesco que lhe acompanha. Segundo o pesquisador Vagner Gonçalves, na contemporaneidade,

> tradicionalmente a confecção das vestes dos orixás, seguindo os preceitos de cores, forma e material, faz parte dos afazeres dos membros dos próprios terreiros. Hoje em dia, com o crescimento do candomblé e com as atribuições da vida moderna dos seus filhos, os iniciados já contam com serviços profissionais especializados na confecção de roupas de rituais semelhantes à moda *prêt-a porter*, também com pagamentos facilitados. (SILVA, 1995, p. 129, grifo do autor).

Nesse sentido, durante a sua concentração (no Marco Zero) e percurso pelas ruas do Recife Antigo e bairro de Santo Antônio, é possível observar indumentárias que passam da simplicidade do seu orixá representado no colar de contas e estampados em camisetas a axós luxuosos, fabricados com os tecidos mais caros e desenhados por "estilistas", que podem ser do mesmo terreiro, de várias nações ou até mesmo nem pertencer a religião dos afro-brasileiros. As fabricações dessas vestes variam desde a subjetividade da casa, do pai ou mãe de santo ou do desejo do orixá, (consultado por meio do jogo de búzios), que posteriormente virá a ser realizado a partir das condições financeiras

ISSN 2176-9060

do filho de santo. Ficam definidas nas padronizações, suas nações, terreiro que frequenta ou o babalorixá de que é filho, revelando respeito e obediência aos mais velhos e ao que lhe foi designado. Portanto,

> se as roupas usadas no cotidiano do terreiro eram feitas com tecidos simples de algodão, como o morim [popeline, tricoline, chitão], as roupas de festa e, principalmente, as roupas dos inquices (denominadas "roupas de gala") são confeccionadas com tecidos luxuosos: bordados *richelieu*, bordado inglês, além de brocados, *lamés*, sedas e cambraias; essas últimas aparecem com grande frequência no acabamento das peças, ou mesmo constituindo o tecido principal na confecção da vestimenta. (MENDES, 2012, p. 82, grifo da autora).

Imagem 4: espetacularização dos axós de vários terreiros e nações



Fonte: fotos de Alfredo Sotero

O uso dos axós pode ser observado por praticantes de todas as idades e *curiosos*, (fieis anônimos, figuras públicas e artistas da Região Metropolitana do Recife e de outros estados), variando do luxo à simplicidade. Apesar de não terem patrocínios, revelam a força e o axé que têm. Embora alguns praticantes customizem novas roupas exclusivamente para o evento, há aqueles que adaptem os axós já utilizados nos terreiros. Nesse sentido,

> desde a Idade da Pedra Paleolítica, lá pra trás, os axós significavam o seguinte: a vestimenta das rainhas,

ISSN 2176-9060

> dos reis, dos orixás, inclusive em Benim, (que é uma referência dessa religião), os axós representavam tudo de mais belo, que na verdade seria para os orixás. Você se apresentava inclusive para aquilo que você acreditava. (PEREIRA, 2016)

De acordo com um dos organizadores do maior ato político-afrorreligioso do estado, é possível observar como se deu a resistência do povo de santo, o processo de preparação, surgimento, representatividade e a importância da Caminhada dos Terreiros para as religiões de matrizes africanas, assim como a simbologia de cada rua percorrida e a necessidade para tal evento, em que" as nossas baianas, na verdade são deslumbrantes, os terreiros que vêm à frente da Caminhada *são* deslumbrantes, é a coisa mais linda do mundo! Então a gente está expressando um sentimento de 8 milhões de anos atrás!" (PEREIRA, 2016).

Figura 5: acessórios dos afrorreligiosos



Fonte: fotos de Alfredo Sotero

Com isso, o cortejo afro religioso prossegue com seus filhos e filhas de santo espetacularmente pelas vias e pontes públicas do Recife, com seus rituais litúrgicos, louvando os seus orixás, resistindo, "abrindo caminhos" para os seus fiéis, adeptos e curiosos que vão se unindo a Caminhada com muito axé. Nesse sentido, cantam, dançam e buscam reparação histórica contra o desrespeito e agressões e para que sejam validados, na prática, seus direitos de professar suas crenças.

ISSN 2176-9060

CONCLUSÃO

Foi observado nesse estudo o desejo de pertencimento, aceitação e respeito do povo de santo perante a sociedade, como pôde ser exposto de maneira clara durante a Caminhada dos Terreiros de Pernambuco. A ideia é de que a senzala ainda grita por alforria, de modo que, o pedido atual é por liberdade para usar suas indumentárias, (colar de contas), na vida cotidiana e o direito de expor sua religião sem temer o preconceito e o julgamento dos demais.

O cortejo é o acontecimento sociorreligioso de maior expressão de ancestralidade, espetacularização e resistência dos povos vítimas de preconceito historicamente enraizado, mas tais abusos não elimina a força que move seus filhos e filhas de santo, a percorrerem as vias públicas em busca de respeito as suas pregações e de liberdade religiosa. O que inicialmente era restrito aos barracões do estado e, especialmente, da Região Metropolitana do Recife, hoje simboliza a consagração da união dos fiéis afrorreligiosos de Pernambuco.

Suas indumentárias marcadas pelas variações ora vistas no luxo do *richilieu* ora trazidas na simplicidade da chita, caracterizam a fé herdada e perpassada por gerações proibidas de se declararem do santo. Espetacularizados por meio da vaidade dos fieis, (ao culto e a quem lhe guia), o consumo cultural dos acessórios e das indumentárias nos terreiros e nos eventos, auxilia a fomentar a economia daqueles que se dedicam a trabalhar com os materiais representativos dos orixás.

A indumentária das religiões afro-brasileiras possui então, não só um caráter litúrgico, mas identitário do ancestral que está em terra ou que está a se prestar homenagens. O axó, a beleza e o encanto dos cultos, remetem a religiosidade de uma África mítica. O somatório dos sons, das vestimentas litúrgicas, das ofertas e dos cantos em yorubá reproduzem nas vias públicas do Recife, o sentimento e a fé dos afrorreligiosos de Pernambuco dos seus

ISSN 2176-9060

antepassados. Nesse sentido, o Povo de Santo não quer ser tolerado; quer ser respeitado. Direito de todo religioso, seja qual for a sua fé, seja qual for a sua religião.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **Imagens do Nordeste místico em branco e prêto**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A., 1945.

BOISSEVAIN, Jeremy**.** Apresentando "Amigo de Amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões".*In:* FELDMAN-BIANCO, Bela.(Org.) **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**: métodos.São Paulo: Global Universitária. 1987. p.195-223.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____ **Culturas hibridas y estrategias comunicacionales**. Seminário Fronteiras Culturales; Identidade y Comunicación em America Latina. Universidad de Stirling, outubro de 1996.

CAMPOS, Zuleica Dantas P. De xangô a candomblé: transformações no mundo afro-pernambucano. **Horizonte.** v.11, n.29, Belo Horizonte, Jan/mar, p.13-18. 2013.
Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p13/5113>. Acesso em: 12 abr.2013

GOLDMAN, Márcio. 1987. "A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé". In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Candomblé: desvendando identidades.* São Paulo, EMW Editores.

PRANDI, Reginaldo. Sobre religiões afro-brasileiras. **Horizonte.** v.11, n.29, Belo Horizonte, Jan/mar, p.10-12. 2013.
Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p13/5113>. Acesso em: 12 abr. 2013.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo, Companhia das Letras. 1987.

BARROS, Antonio Teixeira; JUNQUEIRA, Rogério Diniz A elaboração do projeto de pesquisa In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs).

ISSN 2176-9060

Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Axós nos bastidores: uma análise da indumentária litúrgica afro-brasileira no Recife e região metropolitana. In: **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 221-236, jul/dez. 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/6207/5086>. Acesso em: 22 jun. 2016.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LODY, Raul. **Candomblé**: religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1987.

MARTINO, Luiz Claudio, Panorama da pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo, Paulus, 2010, 135-160.

MENDES, Andrea Luciane Rodrigues. **Vestidos de realeza**: contribuições centro-africanas no candomblé de Joãozinho da Goméia (1937-1967). 2012. 181 f. (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas – São Paulo, 2012.

MORIM, Júlia. **Terreiro Santa Bárbara de Nação Xambá - Ilê Axé Oyá Meguê**. Pesquisa Escolar On-line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 8 jul. 2016

PEREIRA, Marcos. **A caminhada dos terreiros de Pernambuco**: depoimento jun. 2016. Entrevistador: Zuleica Dantas Pereira Campos e Alfredo Sotero Alves Rodrigues. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016. Entrevista gravada em formato MP3.

ISSN 2176-9060

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.